# Psicodrama bipessoal e reconhecimento do eu no autismo feminino tardio

**Bruna Maiara Giraldi**[1]

**Gabriela Pereira Vidal**[2]

## RESUMO

O diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista em mulheres tem sido cada vez mais discutido na literatura, especialmente em função das especificidades da manifestação do espectro no gênero feminino e das estratégias de camuflagem que dificultam sua identificação. Nesse contexto, destaca-se a necessidade de abordagens psicoterapêuticas que auxiliem na ressignificação da trajetória de vida e na construção de uma identidade mais integrada após o diagnóstico. O presente estudo teve como objetivo analisar o processo de reconhecimento do eu em uma mulher diagnosticada tardiamente com TEA, a partir da prática do psicodrama bipessoal. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, conduzida como estudo de caso, envolvendo uma mulher de 39 anos em acompanhamento psicoterapêutico. Os dados foram produzidos a partir de registros das sessões de psicoterapia e analisados à luz da teoria moreniana e pós-moreniana, com ênfase nos conceitos de matriz de identidade. O processo psicoterapêutico foi compreendido a partir das fases do duplo, espelho e inversão de papéis. Na fase do duplo, observou-se o fortalecimento do vínculo terapêutico e a validação de conteúdos emocionais até então não reconhecidos, favorecendo a expressão de vivências relacionadas à inadequação e à camuflagem. Na fase do espelho, a paciente pôde ampliar sua autopercepção, revisitar padrões de relacionamentos e questionar conservas culturais internalizadas, construindo narrativas mais autênticas sobre si. Já na fase de inversão de papéis, após o reconhecimento de si enquanto mulher autista, emergiram mudanças significativas na forma de se posicionar nas relações. A paciente passou

[1] Doutoranda e Mestra em Psicologia (UFSC), Psicodramatista nível I (Viver Mais Psicologia) e Professora de graduação (Unifebe). E-mail: brunamaiaragiraldi@gmail.com.
[2] Doutoranda e Mestra em Psicologia (UFSC), Psicodramatista Didata Supervisora Orientadora (Viver Mais Psicologia) e Especialista em Psicologia Clínica (UNOESC). Professora de pós-graduação (Viver Mais Psicologia). E-mail: gabrielavidaal@gmail.com.

a identificar situações de violência psicológica que anteriormente eram naturalizadas, bem como, padrões de camuflagem e adaptação excessiva que geravam sofrimento psíquico. Esse movimento implicou uma reconfiguração dos vínculos, resultando tanto no rompimento de relações significativas quanto na reelaboração de outras, que passaram a se organizar de maneira mais saudável. Observa-se que, nesse processo, nenhum dos vínculos principais permaneceu inalterado, evidenciando o impacto do reconhecimento do eu na reorganização relacional. Os resultados indicam que o psicodrama bipessoal contribui de forma relevante para o reconhecimento do eu em mulheres autistas, favorecendo a ressignificação de experiências, a integração da identidade e a ampliação da espontaneidade. Evidencia-se, assim, o potencial dessa abordagem como recurso clínico às especificidades da neurodiversidade feminina autista.

**Palavras-chave:** Psicodrama Bipessoal. Autismo. Diagnóstico Tardio. Reconhecimento do eu.